UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Maiara Lima de Andrade

MEMÓRIAS SILENCIADAS:
O “não-lugar” da cultura negra na Coleção ‘Casarão e a Cidade - usos e costumes’ do Museu do Estado de Pernambuco

RECIFE
2024

MAIARA LIMA DE ANDRADE

MEMÓRIAS SILENCIADAS:

O “não-lugar” da cultura negra na Coleção ‘Casarão e a Cidade - usos e costumes’ do Museu do Estado de Pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como um dos requisitos para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profª. Drª. Juliana Alves de Andrade.

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Ana Catarina Macêdo – CRB-4 1781

A554m Andrade, Maiara Lima de.
Memórias silenciadas: O "não-lugar" da cultura negra na coleção "Casarão e a Cidade - usos e costumes" do Museu do Estado de Pernambuco / Maiara Lima de Andrade. – Recife, 2024.
39 f.; il.

Orientador(a): Juliana Alves de Andrade.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências.

1. História - Estudo e ensino . 2. Memória coletiva. 3. Museu do Estado de Pernambuco. I. Andrade, Juliana Alves de, orient. II. Título

CDD 909

MAIARA LIMA DE ANDRADE

MEMÓRIAS SILENCIADAS:
O "não-lugar" da cultura negra na Coleção 'Casarão e a Cidade - usos e costumes' do Museu do Estado de Pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como um dos requisitos para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em História.

_____
Drª. Juliana Alves de Andrade – Orientadora
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

_____
Drª Lúcia Falcão Barbosa
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

_____
Ms. Victor Batista de Souza
Secretaria de Educação do Estado da Paraíba

RECIFE
2024

Ao meu avô, que esteve presente em todos os momentos, mas, não pode comemorar comigo essa graduação. Eu te amo e sinto sua falta!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos aqueles que contribuíram na construção deste trabalho de conclusão de curso. Aos meus amigos que foram companheiros inestimáveis, oferecendo apoio, incentivo e uma palavra amiga, muitas vezes nos momentos mais desafiadores. A amizade e camaradagem que compartilhamos tornaram essa jornada muito mais leve e prazerosa. À Cecília Villanova, Maria Eduarda Pinto, Rafael Gonzaga, Felipe Santana, Silas Veloso, Analisa Santos, e tantos outros ao meu redor que influenciam no processo de construção de uma consciência cidadã no mundo.

Aos meus professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio que foram fundamentais em plantar a semente provocadora no meu cérebro. Por me ensinarem a ter um posicionamento político e não ficar calada quando perceber algo de errado. As aulas e orientações de Osvaldo Bruno, Ana Paula Monte, Paula Carvalho, Albino Dantas, Salviano Feitoza foram essenciais na minha formação.

À minha família, meu porto seguro. Agradeço imensamente pelo amor, paciência e suporte incondicional. Vocês sempre acreditaram em mim e me incentivaram a seguir em frente, mesmo quando as dificuldades pareciam insuperáveis. Sem vocês, nada disso seria possível!

Agradeço ao Museu do Estado de Pernambuco, às minhas coordenadoras Maíra Layme e Kaline Araújo, aos trabalhadores da Reserva Técnica, André Soares e Pablo, à Adilson, Cláudio, Rinaldo, Cris e, principalmente, aos amigos/companheiros de estágio. Trabalhar com vocês foi uma experiência enriquecedora que contribuiu significativamente no meu crescimento profissional e pessoal.

Por último, agradeço à minha professora orientadora Juliana Andrade, pela confiança depositada em mim e pelos ensinamentos valiosos que levarei para a vida toda.

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

[...] O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?
César ocupou a Gália.
Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro? Felipe da
Espanha chorou quando sua frota
naufragou. Foi o único a chorar?
Frederico Segundo venceu a guerra dos sete anos. Quem
partilhou da vitória?
A cada página uma vitória.
Quem preparava os banquetes comemorativos? A cada dez anos
um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas informações.
Tantas questões. [...]

Bertolt Brecht

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo problematizar o "não-lugar" da cultura negra dentro da exposição "O Casarão e a Cidade - usos e costumes", visto que não há elementos expográficos que contribuam na construção da memória desses povos. Por ser um ambiente propício para a prática do ensino e aprendizagem da História, os museus podem oferecer uma perspectiva prática e viva do passado. Sendo assim, buscamos refletir sobre os possíveis impactos, positivos ou negativos, do Ensino da História para o grande público a partir da linguagem museológica, uma vez que ao oferecer um vasto conjunto de fontes materiais e visuais - objetos, artefatos, documentos, exibições interativas e até recriações de ambientes históricos - os museus enriquecem o estudo da história.

Palavras-chave: Museu do Estado de Pernambuco; Memória; Ensino de História.

ABSTRACT

The present article aims to problematize the “non-place” of Black culture within the exhibition “The Mansion and the City - Uses and Customs,” given that there are no expographic elements that contribute to the construction of the memory of these peoples. As a conducive environment for the practice of teaching and learning History, museums can offer a practical and vivid perspective of the past. Therefore, we seek to reflect on the possible positive or negative impacts of historical learning for the general public through museological language, once that by offering plenty of material and visual sources - objects, artifacts, documents, interactive exhibitions, and even recreations of historical environments - museums enrich the study of history.

Keywords: Museum of the State of Pernambuco; memory; teaching of history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Palácio da Justiça de Pernambuco (1930) 6
Figura 2 - Pinturas de Telles Júnior (séc. XIX) 7
Figura 3 - Museu do Estado de Pernambuco atualmente 9
Figura 4 - O prazer à mesa: do alimento à decoração 11
Figura 5 - Coleção de Porcelanas Roque de Britto Alves 12
Figura 6 - A Europa aqui 14
Figura 7 - Gaiola (certo com assento para passageiros de navio) 16
Figura 8 - Pratos brasonados parte da sala de Porcelanas de Roque de Britto Alves 17

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MEPE - Museu do Estado de Pernambuco

ICOM - Conselho Internacional de Museus

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....1

2. ENTRE AS PAREDES DA MEMÓRIA: TRAJETÓRIA DO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO.....5

3. ANÁLISE DA EXPOGRAFIA "O CASARÃO E A CIDADE - SEUS USOS E COSTUMES".....14

4. MUSEU COMO LUGAR EDUCATIVO E DE DISPUTAS DE MEMÓRIA.....19

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....23

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....24

ANEXO A - NORMAS DA REVISTA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFG (INTER-AÇÃO).....27

1. INTRODUÇÃO

Os museus são espaços que nos permitem refletir sobre quem somos, o que produzimos e como projetamos o futuro. É um lugar de diversidade de patrimônio material e imaterial. São locais de produção de pesquisa, preservação, comunicação, celebração e manifestação da produção humana nos seus mais variados formatos – o que é uma enorme responsabilidade. Dentre as atividades pedagógicas e culturais oferecidas pelos museus, não se trata apenas de "visitar o passado", mas também de problematizar estudos sobre a temporalidade, materialidade e subjetividade. Em vista disso, apresentamos reflexões sobre o não-lugar da cultura negra na coleção "Casarão e a cidade - usos e costumes" do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE). Essas reflexões são produzidas a partir da minha experiência como monitora do setor educativo do MEPE (2022-2024), que transformo em objeto de estudo para problematizar o museu como espaço educativo.

Ao investigar o Museu do Estado de Pernambuco, nota-se que as experiências de visitantes com diferentes bagagens culturais influenciam suas interações com as exposições. Por exemplo, um visitante descendente de África ou um afro-brasileiro pode experimentar de maneira muito distinta em comparação com alguém que tem uma perspectiva mais distante dessa cultura. A partir disso é possível trabalhar problemáticas ou temáticas que complementam e enriquecem a formação educacional de públicos diversos. Um dos principais objetivos dos museus como espaços de educação não formal é ampliar o conhecimento sobre cultura, ciência, história e arte, de uma maneira acessível ao público em geral. A aprendizagem nesse ambiente é definida como "um ato de percepção, de interação e de integração de um objeto por um sujeito" o que conduz a uma "aquisição de conhecimentos ou ao desenvolvimento de habilidades ou de atitudes" (Allard e Boucher, 1998). Assim, a relação de aprendizagem se refere à própria maneira do visitante integrar o objeto de aprendizagem.

A relação entre museus e o ensino-aprendizagem da História é profunda e multifacetada, podendo haver o desenvolvimento do conhecimento histórico quanto do pensamento crítico. A visita a um museu desperta diferentes sensações e emoções, porém para além de um encantamento, curiosidade ou uma lista de fatos, o papel do monitor/mediador é importante no sentido de planejar a visita escolar a partir de estratégias que desenvolvam a aprendizagem histórica.

Ao oferecer um vasto conjunto de fontes materiais e visuais - objetos, artefatos, documentos, exibições interativas e até recriações de ambientes históricos - a coleção " O

Casarão e Cidade - usos e costumes" do Museu do Estado de Pernambuco se torna o objeto deste estudo, por ser um ambiente propício para a prática do ensino e aprendizagem da História, uma vez que podem oferecer uma perspectiva prática e viva do passado.

O meu interesse em problematizar a coleção se deu quando fiz estágio na instituição, no ano de 2023, e percebi que ao tratar o Barão de Beberibe (1820-1855) como um "riquíssimo empreendedor brasileiro" ou "comerciante de escravizados", era uma das formas de silenciamento na expografia do Casarão. Tendo em vista que a proibição do comércio de pessoas escravizadas vinha sendo discutido desde a Convenção Anglo-Portuguesa de 1810, entre Portugal e Inglaterra, e, neste período, que, segundo Amanda Barlavento Gomes (2019), Francisco Antônio de Oliveira (Barão de Beberibe), começou a se envolver no tráfico de escravizados no início dos anos de 1820.

Sua trajetória de enriquecimento esteve fortemente ligada ao comércio de pessoas escravizadas em Pernambuco e na rota atlântica, especialmente até meados da década de 1850. Ele atuou como um dos mais importantes traficantes da região, utilizando suas conexões políticas e comerciais para expandir seu poder e influência, mesmo após as leis que proibiam o tráfico translativo de escravos. Então durante a prática educativa existia a necessidade, por parte dos mediadores, de tratar sobre esse contexto que eventualmente iria financiar a construção do Palacete Estácio Coimbra.

Neste sentido, o presente trabalho visa problematizar o que Marc Augé (1992) introduz o termo de "não-lugar" em sua obra "Não-Lugares: Introdução a Antropologia da Sobremodernidade". Augé (1992), utiliza esse conceito para descrever espaços transitórios que não possuem significado suficiente para serem considerados "lugares" no sentido antropológico. O pensamento de Marc Augé é saber de que forma os "não-lugares" podem provocar uma perda de nós mesmos como um grupo, passando a prevalecer o olhar da branquitude, como é o caso desse estudo. No que diz respeito ao contexto de uma educação cultural pautada nas temáticas negras e afro-brasileiras, o "não-lugar" pode significar a invisibilização de suas contribuições na história e tradições. Sabemos que a predominância de narrativas eurocêntricas contribuem para o apagamento das culturas negras e africanas, relegando-as a um espaço de invisibilidade.

Desse modo, o presente trabalho, tem como objetivo geral compreender e problematizar a materialização da memória histórica presente no acervo da exposição de longa duração "O Casarão e a Cidade - seus usos e costumes", uma vez que encontramos nesta exposição uma perspectiva que acentua os aspectos culturais, econômicos e sociais da aristocracia pernambucana, em detrimento de questões relacionadas à raça, classe e gênero.

Para alcançar os objetivos específicos, o trabalho foi organizado da seguinte maneira: (1) primeiro historicizar a implantação e implementação do MEPE para tentar identificar como se deu a construção de um espaço que preserva a memória de Pernambuco; (2) em seguida um mapeamento da revisão da literatura sobre museu como campo educativo para o ensino da História; e por último, (3) promover uma análise crítica para pensar o museu como um espaço fértil para e ensino de História e construção da memória.

Um dos problemas de um museu histórico é tratar de temáticas como a escravização de forma harmônica, com pretensões hegemônicas, ao trazer sempre o poderio do homem branco como civilizado, superior, o exemplo a ser seguido. A memória hegemônica, pretende ser universal, moldada por narrativas dominantes que excluem e marginalizam as histórias e contribuições de grupos racializados, como por exemplo afro-brasileiro e indígenas.

Quando analisamos como as narrativas históricas e culturais são construídas, preservadas e transmitidas ao longo do tempo, podemos perceber as formas que o racismo estrutural influencia em quais objetos são preservados, como são interpretados e apresentados ao público, e quais narrativas são privilegiadas. Por exemplo, uma exposição que guarda e comunica sobre mobiliários no estilo europeu, porcelanas francesas, pinturas dos imperadores do Brasil e que reduz a presença de pessoas negras dentro dessa sociedade do século XIX à uma influência na culinária, percebemos a perpetuação dessa estrutura racista, que destaca certas histórias, tidas como hegemônicas, enquanto ignoram ou sub-representam outros grupos étnicos.

Stuart Hall (1999), em seus escritos sobre identidade cultural e patrimônio, argumenta que as narrativas históricas são construções culturais profundamente influenciadas por relações de poder. No ensaio *"Whose Heritage? Un-settling 'the Heritage', Re-imagining the Post-nation"*, Hall explora como os museus e outras instituições culturais ocidentais selecionam e exibem certos objetos e narrativas que reforçam uma visão eurocêntrica da história. Para ele, o patrimônio é um campo de disputa, onde a identidade nacional e racial é narrada de maneira seletiva. Essas narrativas museológicas, portanto, participam da construção de um "Atlântico Negro invisível", negligenciando as relações complexas de poder e dominação que definiram o colonialismo e o racismo.

Na década de 1970, o escritor afro-americano Alex Haley, impulsionou um processo de valorização da memória como fonte para a construção das identidades. Os estudos de Haley ajudaram a destacar como a memória e a história são fundamentais para a compreensão e valorização das identidades culturais e pessoais. Sendo assim, neste trabalho vamos situar os museus como espaços que desempenham um papel crucial na preservação e valorização das

identidades culturais, sociais e políticas. Eles são mais do que simples locais de exibição de artefatos; são espaços vivos de memória, educação e reflexão. E por isso é possível localizar os museus como palco de legitimação política e social, servindo inclusive como espaço para evidenciar conflitos entre os sujeitos.

O Museu, na definição do Conselho Internacional de Museus (ICOM),[1] "é uma instituição permanente, ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial" (Desvallées; Mairesse, 2013, p.64). A partir de uma perspectiva crítica, este trabalho se propõe a examinar o seu papel como um espaço de formação e educação, que, embora muitas vezes celebrado como neutro ou apolítico, na verdade carrega em si o peso das estruturas hegemônicas. Ao problematizar essa instituição, torna-se evidente que museus, assim como outros espaços institucionais, têm historicamente desempenhado um papel na legitimação de uma memória construída para perpetuar narrativas de opressão. Essas narrativas servem para naturalizar a escravidão, a colonização, e consolidar a articulação entre capitalismo e imperialismo, reforçando um ciclo de dominação que permanece aparentemente imutável sobre a justificativa de uma conservação histórica.

Em muitos museus, a memória é cuidadosamente curada de forma a silenciar as vozes daqueles que foram e ainda são marginalizados por essas mesmas forças opressivas. O que está em jogo aqui não é apenas o que é lembrado, mas como e por quem essa memória é preservada e transmitida. Quando a história da escravidão ou da colonização é apresentada de maneira distanciada, ela deixa de ser uma experiência vivida e contínua para se tornar um artefato histórico desprovido de sua profundidade social e política.

Este trabalho, portanto, busca trazer à tona essas tensões, revisitando o papel do museu através de uma revisão bibliográfica que explora criticamente as temáticas de museus, ensino de história, memória e decolonialidade, propomos que é fundamental repensar as formas como o passado é apresentado e como essas representações impactam a compreensão das lutas contemporâneas. Decolonizar o museu não é apenas reescrever a história, mas desafiar as estruturas de poder que ditam quais histórias merecem ser contadas e quais são apagadas.

[1] **ICOM Brasil.** ICOM Brasil, 2024. Disponível em: http://www.icom.org.br. Acesso em: 2 set. 2024.

2. ENTRE AS PAREDES DA MEMÓRIA: TRAJETÓRIA DO MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO

As raízes históricas do atual Museu do Estado de Pernambuco remontam ao contexto final da década de 1920, momento que antecede a crise final da República Oligárquica e que derivou na Revolução de 1930. A entrada de novos atores sociais, na esteira da diversificação da economia agrária e na expansão das classes médias urbanas trouxeram mudanças significativas no quadro político e para a cena cultural brasileira.

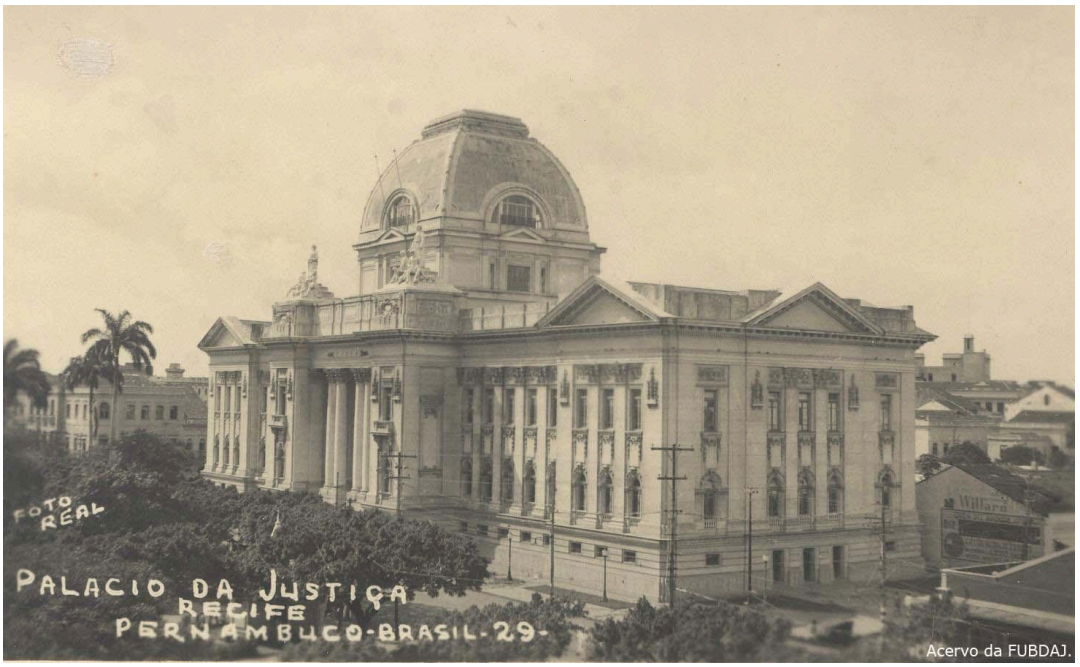
Nesse contexto, governava em Pernambuco Estácio de Albuquerque Coimbra (11 de dezembro de 1926 - 28 de maio de 1930), membro da açucarocracia da Zona da Mata Sul, um dos homens que participaram da implementação, no Recife, de reformas modernizantes em contrapartida às políticas da chamada "Velha República" (Marques, 2021). As medidas implementadas por Estácio Coimbra no âmbito da cultura e da preservação do patrimônio colocaram Pernambuco na vanguarda nacional.

No decorrer do século XX, diversos museus foram criados no estado de Pernambuco, apresentando tipologias de acervos bem variados voltados para a formação cultural da população, com enfoque no resgate da memória e da valorização da história de personalidades locais. Sendo assim, a criação oficial de um museu para o estado de Pernambuco, se deu por meio do ato nº240 da Lei nº1.918 de 1928 que autorizava a criação de uma Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais e um Museu Histórico e de Arte Antiga.

Nesse sentido, tal documento tinha o objetivo de regulamentar as ações de defesa do patrimônio, indicando quais bens seriam passíveis de receber proteção, mantê-los no melhor estado de conservação possível, e punir quem degradar qualquer bem que esteja sob a proteção e vigilância da Inspetoria.

Em 8 de fevereiro de 1929, o Museu teve sua primeira sede na cúpula do Palácio da Justiça, tendo como primeiro diretor o jornalista e deputado estadual Aníbal Fernandes, precursor da Lei nº1918, permanecendo à frente dos serviços até a Revolução de 1930. Entre suas primeiras aquisições está a coleção do Comendador José Ferreira Baltar com os quadros de Telles Júnior, mobiliários, porcelanas e materiais etnográficos de caça e pesca, adquiridas por leilão em abril de 1929.

Figura 1 - Palácio da Justiça de Pernambuco 1930



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco, 2009. Disponível em: https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/palacio-da-justica-recife-pe/. Acesso em: 18. Setembro. 2024

Em dezembro de 1929, é adquirida a segunda coleção que chega ao Museu, que pertencia ao Instituto Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco, por meio de um acordo entre a instituição de ensino e o Museu Histórico e de Arte Antiga do Estado de Pernambuco (atual Museu do Estado de PE). Em 1930 foi inaugurada sua primeira exposição na Cúpula do Palácio da Justiça, expondo a coleção do pintor pernambucano Telles Júnior[2], entre outras peças.

A Coleção de Liceu de Artes e Ofícios foi outra adquirida pela instituição e possui cerca de 127 peças de mobiliário D. João V, D. João VI, palanquim, porcelana chinesa e japonesa, além de retratos. Segundo Rodrigo Cantarelli (2014, p 131), esta coleção teria sido composta por um número muito maior de peças, dentre elas destaca-se o conjunto de mobília do marceneiro francês Julian Béranger, a cadeira de arruar da Igreja do Corpo Santo (1913), além dos objetos decorativos em cristal e porcelana oriental e europeia.

[2] Telles Júnior foi um pintor paisagista, que retratava a natureza pernambucana na sua forma mais exuberante. Aníbal Fernandes, ex -diretor do Museu Histórico e de Arte Antiga, quem esteve à frente da compra no leilão público em 14 de abril de 1929. Para ele, a obra de Telles retratava o que havia de mais encantador nas paisagens de forma exuberante e quase fotográfica.

Figura 2 - Pinturas de Telles Júnior século XIX

Fonte: Acervo da autora, 2024

No período de 1930 a 1933, tanto a Inspetoria quanto o Museu, permaneceram instalados na cúpula do Palácio da Justiça, Aníbal seria sucedido pelo historiador e jornalista Mário Melo em decorrência de questões políticas na década de 30. Em 1933, o Museu Histórico e de Arte Antiga e a Inspetoria foram extintos, por decreto nº 260, de 30 de dezembro de 1933, pelo interventor federal Carlos de Lima Cavalcanti. Então, de 1934 a 1940, suas peças estão guardadas na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

O governador Coimbra tinha grande interesse pela cultura e um dos seus assessores era Gilberto Freyre, em 1924, quando já crescia o debate sobre identidade regional. No período em que foi assessor do governo, Freyre teve grande influência na criação do museu e escreveu uma matéria para o *Diário de Pernambuco* falando sobre a necessidade de um espaço institucional que apresentasse a versão oficial da formação histórica de Pernambuco e que "reunisse valores da cultura regional" (Chagas,2005).

Quando esteve na Europa e Estados Unidos, Freyre se deparou com uma realidade urbana completamente distinta da que vivia aqui no Brasil e em Recife, que passava por transformações urbanas, dando início ao movimento de aberturas das avenidas na década de 1910-1920. Isso fez com que ele e outros intelectuais da época, se sentissem um "estrangeiro" e iniciasse um debate em defesa dos valores do passado, do tradicionalismo e do regionalismo.

Um Museu sociocultural para Pernambuco deslocando o foco de personagens históricos elogia Freyre e enfatiza o pioneirismo do governador Estácio Coimbra em criar uma Inspetoria em defesa do patrimônio histórico,

> [...] Sem se recordar ter surgido no Recife o primeiro museu brasileiro antecipadamente sociocultural. Com ênfase em cotidianos regionais, através de formas características de vivência e de convivências apresentam móveis, louça, utensílios culinários, alimentos, recreações, deslocando os desempenhos, de museus, de exclusivas glorificações de grandes feitos militares ou políticos, para o registro de dias significativamente comuns. Iniciativa, esse museu antecipado, de governador de visão superior: Estácio Coimbra." (Heitor, Chagas.2017. p.90.)

A partir daí se inicia o debate sobre o Patrimônio Histórico, que na definição, se refere a herança composta de bens históricos. Isso embarga um complexo de Monumentos, conjuntos arquitetônicos, sítios históricos e parques nacionais que tenham um valor histórico e artístico que contribuam no valor patrimonial de determinado país ou região. Para essa sociedade intelectual o movimento de salvaguardar a identidade cultural brasileira através da arquitetura colonial era importantíssimo porque era isso que os ligava à Europa.

Sendo assim, é possível articular os pontos do pensamento antropológico, sociológico e histórico de Gilberto Freyre exercendo influência na implementação do que seria o Museu de Pernambuco a partir da concepção da ideia de que a elite colonial seria parte importante da história e do patrimônio de Pernambuco. Freyre argumentava que a elite colonial, com suas práticas culturais e sociais, desempenhava um papel crucial na formação da identidade brasileira. Ao enfatizar a importância da elite colonial, o museu não apenas preserva artefatos e documentos históricos, mas também contextualiza esses elementos dentro das dinâmicas sociais e culturais que Freyre destacou.

Portanto, em 1940, o Museu do Estado de Pernambuco seria transferido um solar aristocrático implantado em parte de uma antiga chácara urbana, no bairro das Graças, cidade do Recife, antiga residência do Dr. Augusto Frederico de Oliveira, filho do Barão de Beberibe, herdeiro do segundo maior traficante de escravos de Pernambuco, Francisco Antônio de Oliveira.

Figura 3 - Museu do Estado de Pernambuco atualmente.

Fonte: Manoela Galdino, s.d.

Este casarão do século XIX recebe o nome de *Palacete Estácio Coimbra*, em homenagem ao governador da época. Nele é possível encontrar um acervo com curadoria de Ana Cristina Barreto de Carvalho, contendo coleções de quadros, móveis e esculturas que pertenciam a grandes famílias de Pernambuco, "revelando o seu orgulho em preservar para as futuras gerações um patrimônio que consideravam como sua verdadeira riqueza" (Mepe,2014).

Atualmente, o MEPE ocupa uma área de 9.043 m². Este espaço inclui estacionamento amplo e jardins ornamentados por esculturas em mármore, as Musas, que presidem as artes: Mnemosine, deusa da memória e mais 7 das suas 9 filhas com Zeus e Júpiter, que são: Euterpe, da música; Polímnia, a musa da retórica; Erato, da poesia; Melpomene, da tragédia; Tália, da comédia; Clio, da história; e Calliope, da epopeia. No terraço lateral, um canhão holandês, de bronze, com 3 metros de comprimento e, atrás do museu, 4 canhões da artilharia portuguesa, complementam a coleção de armas. São peças que compõem o espaço externo do Museu e financiadas a partir de uma economia que girava em torno do tráfico de escravizados.

O acervo do MEPE é integrado por uma grande diversidade e fragmentação cultural representadas nas seguintes coleções:

1. A coleção do comendador José Ferreira Baltar (1929).
2. A coleção Liceu, do Liceu Artes e ofício (1930), que remete ao Brasil Império.
3. A coleção Brás Ribeiro, contendo porcelanas e exemplares de mobiliários do Brasil Colônia e Império.
4. A coleção do general Paulo Figueiredo, com material relacionado às civilizações pré-incaicas adquiridas na Bolívia em 1936.
5. A coleção afro-brasileira com itens do culto afro do Xangô em Pernambuco.
6. A coleção Lívio Teixeira contendo ex-votos e a coleção Carlos Estevão (1880-1946) reunindo 3.320 peças doadas ao Estado em 1947.

A coleção "Culto afro-brasileiro - um testemunho do Xangô Pernambucano" chama atenção porque chega à instituição por via da Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco. Composta por 307 objetos da cultura material afro-religiosa, confiscados dos terreiros pernambucanos na década de 30, decorrente da repressão policial às manifestações culturais de origem africana. Santana (2023), discute a constituição desse núcleo expositivo como rico e complexo por tratar de práticas religiosas afro-brasileiras.

Além dessas, o MEPE conta ainda com as seguintes coleções: Salões de Arte[3], Coleção Bandepe[4], Coleção Magdalena Arraes[5], Coleção Ricardo Brennand[6], Coleção Roque de Brito Alves [7] e a Coleção José Mariano[8].

O Museu atualmente conta com três espaços expositivos: o Palacete Estácio Coimbra, o Espaço Cícero Dias, reformado mais recentemente e onde abriga a exposição de longa duração "Pernambuco: território e patrimônio de um povo", e por último o anexo II que é utilizado para realização de cursos de arte. O Palacete Estácio Coimbra possui uma entrada frontal, que dá acesso à exposição "O Casarão e a Cidade - usos e costumes", que apresenta

[3] Esta coleção contém 221 peças com uma grande variedade de tipologias, desde pinturas a óleo, esculturas, aquarelas, gravuras, desenhos e arquitetura.
[4] Composta por 196 obras, a coleção Bandepe possui uma variedade de pinturas, desenhos, esculturas, jarros, gravuras, fotografias e serigrafia,
[5] A coleção Magdalena Arraes faz alusão a um conjunto de obras que vão desde pinturas a óleo sobre tela, litogravuras, nanquim, gravuras em metal, dentre outras.
[6] A coleção Ricardo Brennand é composta por 70 peças em porcelana, todas em bom estado, com destaque especial aos pratos brasionados de J. João VI e D. Pedro I.
[7] Esta coleção encontra-se exposta permanentemente no MEPE com uma grande variedade de porcelanas do Brasil Império.
[8] Esta coleção é composta por 75 peças doadas pela própria família de José Mariano em 1988, sendo a obra de maior destaque o chamado "Berço de Ouro".

“obras do acervo do Museu a partir de um olhar sobre os usos, os costumes da sociedade patriarcal pernambucana, do século XIX até o inicio do século XX” (MEPE,2003).

Segundo Mário Chagas (2005), a visão de Freyre sobre a importância da cultura local e das identidades regionais foi central para o desenvolvimento de práticas museológicas que enfatizam a relação entre memória social e espaço museal. Na época fazia sentido abrir portas para um grande público numa linguagem educativa, que se baseia na mostra de objetos, documentos e bens considerados patrimônios culturais e formadores de caráter nacional.

Para Silva (2023), a seleção de objetos musealizados que farão parte do acervo são destinados e inseridos nas exposições a partir da narrativa de um ponto de vista histórico pré-definido na construção desse espaço de caráter validador que são os museus. No caso do “Casarão e a cidade”, a narrativa histórica que prevalece é que lugares de grandeza e luxo no século XIX, não era o de negros e indígenas, a não ser que sejam para servir.

Figura 4 - O prazer à mesa: do alimento à decoração

Fonte: Acervo da autora, 2024.

Myrian Sepúlveda dos Santos (2017), analisando a concepção de museus trazida por Gilberto Freyre sublinha o fato de que proposta museológica trazida pelo autor está ancorada em uma dialética, presente em seu clássico ensaio "A Casa Grande & Senzala". Para Santos (2017), quando consideramos os gêneros de objetos que são colecionados no museu, trata-se de uma "nostalgia da casa-grande" que exclui, em sua idealização, o "suor do trabalho escravo, as torturas, a barbárie do sistema" (2017, p. 149).

No caso do Palacete Estácio Coimbra, no Museu do Estado de Pernambuco, a mostra de objetos/coleções que conta sobre o cotidiano privado das grandes famílias, estabeleceu a hipervisibilidade não apenas das elites, mas dos legados culturais europeus aqui apropriados e reelaborados - lançando à opacidade ou à radical ausência daqueles ligados a matrizes indígenas, africanas ou imigrantes, que engendraram a sociedade brasileira.

Figura 5 - Coleção de Porcelanas Roque de Britto Alves

Fonte: Acervo da autora, 2024

Nota-se, a partir das imagens da coleção a permanência de uma tradição historiográfica com raízes na década de 1940, que reforçam uma visão classista, excludente e celebrativa - cristalizada pelo Museu Imperial, como apontou Myrian Sepúlveda Santos (2006). Na coleção "O Casarão e a cidade" a cultura afro-brasileira e africana é invisibilizada haja vista que a exposição tem como propósito reforçar o pacto de branquitude. O "pacto da branquitude" é um conceito desenvolvido pela psicóloga Cida Bento, que descreve um acordo

tácito e não verbalizado entre pessoas brancas para manter seus privilégios e a supremacia racial. Esse pacto se manifesta de várias maneiras na sociedade, perpetuando desigualdades raciais e garantindo que pessoas brancas ocupem posições de poder e prestígio. Até mesmo a Abolição passa a ser compreendida como uma expressão dos embates das elites, desencadeando o fim da escravização, processo que jamais foi visto como resultado de movimentos sociais mais alargados.

Sendo assim, a expografia do Palacete Estácio Coimbra, desde 2014, ao priorizar narrar a trajetória histórico-cultural a partir de um pacto de branquitude, sem a quebra da ordem e das hierarquias sociais, em que a hegemonia de suas elites brancas se sobrepõe aos embates políticos e sociais vividos, não dialogando com as reinvidicações dos movimentos negros nacionais e internacionais, que reinvidicam por que reconheça o protagonismo dos sujeitos e sua riqueza cultural.

É importante ressaltar que se faz necessário uma reconfiguração da narrativa expográfica "O Casarão e a Cidade - usos e costumes" para que toda resistência e cotidiano do povo afro-brasileiro de Pernambuco seja representada em práticas políticas e pedagógicas do Museu do Estado de Pernambuco com o objetivo de superar as profundas desigualdades raciais que circundam o pensamento freyriano e brasileiro, no geral, visto que o racismo se perpetua até hoje.

3. ANÁLISE DA EXPOGRAFIA “O CASARÃO E A CIDADE - SEUS USOS E COSTUMES”

O Museu do Estado de Pernambuco ocupa um prédio que incorpora elementos neoclássicos do final do século XIX, localizado na Avenida Rui Barbosa, bairro das Graças, próximo ao Parque das Graças e da Jaqueira. Atrai pessoas de todas as idades: pais com carrinhos de bebês que circulam entre os canhões e as estátuas; namorados que trocam afetos no jardim; crianças brincam nos espaços que são oferecidos shows e atividades. Enfim, sem dúvida o museu torna-se um espaço de sociabilidade diversa.

A construção do solar do barão de Beberibe se insere num contexto histórico que remete ao Brasil Colônia e Império, quando africanos escravizados foram forçados no trabalho de cultivo da cana de açúcar trazendo prosperidade para a província. Como nos aponta Silva (2023), o racismo se instala de uma forma tão perversa no Estado brasileiro, que obviamente ao entrar na exposição não se espera encontrar algo que tenha feito parte do ponto de vista dos povos marginalizados, além de costumes praticados durante a escravização. Não por acaso, o primeiro parágrafo do texto curatorial de apresentação do Casarão se refere às obras do acervo que montam os “costumes da sociedade patriarcal pernambucana, do século XIX até início do XX”. O texto faz referência ao estilo de vida, tradições, valores, hábitos e modas da vida social das elites em Recife.

Figura 6 - A Europa aqui

Fonte: Acervo da autora, 2024

A narrativa sobre o passado, apresentada pelo museu, está organizada em 9 salas construídas através de um percurso da visitação que procura estabelecer associações entre os objetos e a percepção do Palacete como casa-museu por meio dos núcleos: memória do casarão; o casarão e a cidade; sala especial de porcelana Roque de Brito Alves; o prazer à mesa; Espelho do Oriente; A Europa aqui; Intimidade e cotidiano; Devoção.

Um museu como o MEPE se opõe à prática até então comum de privilegiar grandes datas cívicas, visto que, seguindo a perspectiva de Freyre, busca valorizar objetos e aspectos sócio-antropológicos relacionados ao cotidiano das "civilizações regionais brasileiras", relacionados às crenças, economias, ritos, formas de amar, de comer, de habitar, de lazer, de trabalho", entre outros.

Nesse cenário, a exposição do Palacete Estácio Coimbra apresenta uma coleção diversificada de pinturas, esculturas, objetos de porcelana, metal e vidro, móveis e imagens sacras, organizados em sete núcleos temáticos. A intenção é oferecer uma reflexão sobre os modos de vida domésticos da aristocracia pernambucana, no século XIX e início do XX, além de destacar eventos e acontecimentos que influenciaram o contexto social, político, religioso e cultural, à exemplo:

> A forte presença da religião católica no cotidiano, a escravidão africana, a concentração econômica e de poder nas elites, a burguesia açucareira que cultua o objeto estimulada pelo progesso material da metade do século XIX e a imitação dos padrões de vida europeus. (MEPE, 2014).

O palacete foi escolhido como objeto dessa pesquisa após quase 2 anos estagiando no educativo do Museu, que a partir de uma vivência imersiva na instituição, foi colocado em questão o porquê das narrativas que envolvem questões de raça não estarem explícitas no percurso expográfico do Casarão. Era comum ver que as visitas ao Palacete se resumiam a tirar fotos do culto à mesa, como forma de espanto, principalmente os jovens das escolas, por nunca terem visto tanta pompa. Ou então perguntas sobre a "gaiola", que despertava curiosidades sobre seu uso, na sala "O Casarão e a cidade". Muitas vezes era questionado se servia para carga de escravizados no Porto recifense e aí cabia fazer o exercício da observação do objeto. Então era percebido o assento para passageiros e tripulantes dos navios conseguirem ter acesso a costa.

Figura 7 - Gaiola (cesto com assento para passageiros de navio)

Fonte: Acervo da autora, 2024

A nobreza brasileira, ao tempo do império, encomendava a sua louça brasonada e monogramada na Europa, de preferência na França exibindo a sua aristocracia do açúcar, café e cacau, em suas mansões de engenhos e fazendas, imensos serviços de mesa e peças decorativas. É possível perceber que essa forma de expor a história, acaba por excluir imensamente as trajetórias percorridas pela população negra e indígena, muito embora sua presença fosse significativa desde o início da colonização, sobretudo nas décadas finais do século XIX e crescente ao longo de todo o século XX.

Desde a sua criação o MEPE é um espaço que se coloca como legitimador de uma história de Pernambuco, mas deixa de lado as lutas, formas de resistência e conquistas que protagonizaram os corpos pretos durante séculos, contraposto a uma história da alta sociedade pernambucana. Sobre isso Myrian Sepúlveda dos Santos (2006), ao analisar os discursos histórico produzido pelas exposições permanentes do Museu Histórico Nacional (MHN) por volta da década de 20, percebe que:

> A herança escravista e latifundiária do país que está por trás dessa memória trabalhada pelo Museu perpetua-se sem nunca chegar a ser expressão significativa da população, mantendo-se sempre presa a determinados setores de uma sociedade que se encontra, até hoje, bastante segmentada. (Sepúlveda, 2006, p.42)

Figura 8 - Pratos brasonados do núcleo de Porcelanas de Roque de Britto Alves

Fonte: Acervo da autora 2024

Essa mesma análise pode ser aplicada à exposição presente no Palacete Estácio Coimbra - MEPE, quando temos uma expografia que fala quase exclusivamente sobre a aristocracia branca pernambucana do século XIX. Uma das maiores críticas na construção da História do Brasil está relacionado a forma como ela foi escrita. Há um movimento da historiografia em privilegiar personagens com maior prestígio social, excluindo uma série de personalidades que não faziam parte desse pequeno grupo da elite.

Para Ramos (2004), não há museu inocente, qualquer exposição tem um alinhamento teórico e político, e os programas educacionais dos museus, não são avaliados pelo número de visitantes, nem pelo plano pedagógico, mas por sua opção teórica e política. Porém, para o autor, antes de pensar sobre a história dos objetos e o sentido que é dado a eles naquela narrativa museológica, é importante haver um movimento de reflexão e conhecimento sobre como a história é presente e marcada no cotidiano de cada visitante, para que seja possível construir os saberes coletivamente.

Ramos(2004) não acredita que a reflexão deva ocorrer apenas no museu, mas também fora dele, nos objetos que nos cercam:

> [...] Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, com algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar. Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. (Ramos, p.21)

A partir disso, o museu deveria ter potencial para ser justamente um espaço que ensina a leitura dos objetos e da realidade material concreta. Porém, infelizmente, muitos museus ainda estão no caminho oposto, apenas reproduzindo a versão burguesa do passado. Por isso é importantíssimo que o museu enquanto instituição, passe a utilizar de uma prática da nova historiografia- a micro-história, para trazer à tona as diversas facetas de contar uma história construída pluralmente, apesar das disputas e dominações inquestionáveis que refletem as narrativas históricas e sociais dos sujeitos.

Assim, pode-se tratar de processos que levam à conscientização das pessoas sobre as mazelas geradas numa sociedade que se utilizava do trabalho cativo, como uma forma de construir um lugar de memória em uma perspectiva anticolonial e crítica, e se enxergar na história e como um sujeito que faz a história. Se enxergar no passado, identificar no presente, construir futuro.

4. MUSEU COMO LUGAR EDUCATIVO E DE DISPUTAS DE MEMÓRIA

Um museu de História como o MEPE, pode ser compreendido como um local a ser visitado por professores e alunos em atividades complementares da sala de aula. Por haver sentido em entender o museu dentro da historiografia, Leite (2021), faz um apanhado de pesquisas na área de Ensino de História que fazem usos do museu entre as décadas de 1980 e 2017. Nota-se que a vivência relatada dos autores pesquisadores é um método muito positivo para identificar a relação entre museus e visitantes escolares, que, desde 1950, é pauta em nas discussões internacionais.

O setor educativo do MEPE, é coordenado por profissionais da área da História, Museologia e Artes Visuais. Até o presente momento, possui o total de 10 estagiários de História, desempenhando as seguintes funções: atendimento ao público, mediação cultural, ações educativas e pesquisa que são realizadas a partir de um material de estudo entregue pelo Museu. Por se tratar de um museu histórico é de extrema importância ter estudantes de História dentro desse espaço para trazer questões pertinentes à formação do Museu e é também uma forma de valorizar essa profissão que vem se perdendo após tantas reformas.

As atividades de mediação, para as exposições de longa duração, são realizadas a partir do preenchimento do formulário de agendamento disponível nas redes de comunicação da instituição. As visitas de grupos agendados, com o acompanhamento do grupo educativo, são realizadas de Terça-feira a Sexta-feira. Nesse documento, o responsável pelo grupo precisa informar a quantidade de pessoas que irão participar da visita (até 50 pessoas por grupo), se nesse grupo existe algum PCD ou neurotípicas, a idade e o curso/série dos estudantes, além de assinalar quais exposições irão ver e qual o objetivo pedagógico da visita. A partir dessas informações, é possível para o mediador criar provocações e sentimentos de surpresa/curiosidade nos alunos

O MEPE é por sua essência um museu histórico, que pela definição moderna, possui reminiscências do passado que estão expostas no presente (Vieira, 2017). Nesse sentido, deve ser explorada a radical ausência das narrativas históricas daqueles ligados a matrizes indígenas, africanas ou imigrantes, que engendraram a sociedade brasileira, bem como a potencialidade discursiva do museu em criar narrativas históricas que procuram dar sentido ao passado e ao presente.

Os museus são mais do que simples repositórios de objetos; eles são locais onde a memória coletiva é preservada e transmitida. Guilherme Lopes Vieira (2017), explora a função dos museus como espaços de preservação e construção da memória coletiva, visto que

este espaço institucionalizado ajuda a contextualizar e dar significado aos eventos passados, funcionando como âncoras para a identidade cultural de uma sociedade.

É comum pensar que o museu preserva o passado. Entretanto, sua função é atribuir novo significado aos objetos, que foram retirados do seu tempo e espaço de origem. Esse processo se chama "musealização do objeto", garantindo ao objeto sua preservação física, mas também que ele adquira um novo valor como documento histórico e cultural.

A ideia apresentada por Rede (2012) é bastante interessante e reflete uma perspectiva contemporânea nas ciências humanas e sociais. Ao considerar uma via de mão dupla entre objetos e sujeitos, Rede sugere que os objetos não são meramente passivos, mas possuem uma agência que pode influenciar os sujeitos. Isso significa que os objetos têm um papel ativo na construção de significados e na dinâmica das interações sociais.

Como diz Ulpiano Meneses (1994, apud GIL, 2019),

> A maior contribuição dos museus é a educação pelo objeto, o que é diferente de "falar sobre os objetos" ou usar essa materialidade do museu para ilustrar conteúdos. Ao olharmos para os objetos, no museu, os vemos como objetos históricos que perderam o sentido para o qual foram criados e adquiriram o potencial de evocador do passado, sendo importante, então, colocá-los em situação pedagógica que permita a reflexão sobre o visível do tempo presente e o invisível do passado.

Os objetos presentes nos museus são resultados de uma multiplicidade de construções sociais e representações coletivas (Santos 1989, 1992). No Brasil, os primeiros museus procuram reproduzir o estilo majestoso dos museus europeus. Em Pernambuco, temos o MEPE transferindo sua coleção do Palácio da Justiça para uma antiga residência aristocrática do século XIX. Construção esta que salvaguarda parte da memória de vida do traficante de escravos Francisco Antonio de Oliveira, o Barão de Beberibe.

A divulgação de uma cultura de elite no espaço de museu pode implicar na formação das identidades nacionais e na legitimação do poder colonial. Entretanto, atualmente se dá um crescimento em torno da discussão em torno da decolonização e o multiculturalismo, evocado pelos movimentos negros nacional e internacional, provocando a forma como os museus lidam com os acervos coloniais e suas narrativas.

A decolonialidade propõe uma crítica radical às narrativas eurocêntricas que tradicionalmente dominam os museus, revelando como essas instituições muitas vezes perpetuam uma visão colonialista da história e da cultura. A partir disso, o texto de Silva (2023), é uma grande referência nessa análise por abordar o casarão dentro desta ótica de não se preocupar em representar ou preservar o protagonismo negro na formação histórica,

político, cultural e social em Pernambuco que por muitos séculos foram marginalizadas pela estrutura racista herdada do colonialismo.

É cada vez mais necessário pesquisadores e educadores capazes de oferecer abordagens críticas e transformadoras na concepção de museus e história, desafiando as práticas tradicionais e propondo formas mais inclusivas e justas de preservar e interpretar culturas e histórias de povos historicamente marginalizados. Pois, a partir dos argumentos de Michel Foucault (1980) sobre a forma como o poder usa os espaços cívicos emergentes e as atividades culturais para criar novas formas de controle e disciplina, que encontramos a ação dos museus no processo de ensino-aprendizagem de crianças, jovens e adultos.

É importante destacar que a maior parte das atividades educativas são destinadas para grupos de alunos do ensino fundamental e médio e são, portanto, as crianças e jovens que mais circulam no MEPE, com seus professores, de forma que a especificidade deste museu se aproxima mais dos conteúdos escolares. Como destaca, Juliana Mesquita Zikan França (2019), a partir do trabalho recente de dissertação de Mestrado:

> O público escolar compreendido entre o ensino fundamental e médio, aparece como maior percentual de público do Museu. Os estudantes das escolas da rede pública de ensino da região metropolitana do Recife, chegam ao número de aproximadamente 80% dos visitantes do Museu. Já os grupos de estudantes da educação superior, aparecem em menor número nas visitações realizadas no Museu. (França, 2019, p. 44).

Para Francisco Régis Lopes Ramos (2004), a importância de um setor educativo no museu é fundamental. Ele argumenta que o educativo é essencial para transformar o museu em um espaço de aprendizagem ativa e significativa. Ramos destaca que o setor educativo deve promover a interação entre o público e as exposições, facilitando a compreensão e a reflexão crítica sobre o patrimônio cultural e histórico apresentado. Sem o apoio do grupo educativo do Museu, é difícil ter essa percepção durante o percurso expográfico.

Os mediadores ocupam papel central, dado que são eles que concretizam a comunicação da instituição com o público e propiciam o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados. Para um museu como o MEPE é importantíssimo a estimulação de visita de grupos escolares nesses espaços, visto que podem contribuir na formação social, cultural e política de jovens e adultos.

França (2019), em sua dissertação “A atmosfera senhorial no Museu do Estado de Pernambuco” classifica-o como um museu tradicional por causa das suas temáticas e forma de expor as coleções a partir de temáticas colonialistas e patriarcais. Desde a criação do Museu é

como se uma coisa fosse levar a outra, uma vez que quem esteve a frente de sua concepção foram homens, brancos, de uma elite burguesa que busca a modernidade, mas acabaram por continuar a perpetuação de mentalidades e comportamentos que hoje envolve toda uma disputa por afirmação política, cultural e social de grupos afro-brasileiros, indígenas e mulheres.

O MEPE é um lugar com conteúdo histórico, rico em cultura, espaço de sociabilidade intelectual e compartilhamento de saberes, proporcionando uma oportunidade para os alunos vivenciarem de forma prática os fatos do passado. Além disso, é um espaço motivador para conhecer a história e realizar uma experiência direta com objetos de diferentes épocas. Eis aí o grande desafio para o ensino de História entre memória e história: como responder às demandas da sociedade por um ensino mais reflexivo, questionar a memória histórica, e ao mesmo tempo, manter as prerrogativas que legitimam os pertencimentos?

Um caminho possível, para Gil (2019), é o de problematizar a construção da identidade nacional, empreendendo outro projeto de memória, identidade e cidadania que incorpore diferentes grupos. A exposição "Pernambuco: território e patrimônio de um povo", montada em 2017 por antropólogos, é, de certa maneira, um começo para pensar esse projeto.

Atualmente os debates sobre o papel educativo do museu afirmam sua importância na construção de reflexão crítica. Se antes os objetos eram contemplados, agora necessitam ser interpretados de uma maneira que nos ajude a ver melhor o nosso presente. Para Gil (2019), para assumir o seu papel educativo, o museu necessita ser o espaço onde os objetos são expostos para compor argumentos críticos.

É exatamente por serem espaços altamente propícios para servir como palco de aprendizagem que se faz necessário um maior investimento e atenção para o setor educativo dos museus. Ainda mais nos dias de hoje que se tem a urgência de formar interpretações ativas da sociedade que possibilitam a descoberta de novas temáticas e discussões anticoloniais/decoloniais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo mostrar que existe uma aproximação íntima entre a escola e o museu e, ainda, sobre a possibilidade de ensinar através do objeto. Pois, como ressalta Francisco Régis Lopes Ramos (2004), se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. Além de interpretar histórias por meio de livros, é possível estudá-la por meio de objetos.

Portanto, ao compreender a relação do Museu do Estado de Pernambuco e seus objetos na exposição " O Casarão e a Cidade - seus usos e costumes", percebe-se a ausência aguda da cultura de povos negros na expografia. Fato ainda mais agravante quando se leva em consideração que, tanto negros como indígenas, fizeram parte da ascensão econômica, político, cultural e social de pessoas brancas. E não apenas isso, mas, desde o final do século XIX existiram personagens negros que fizeram parte do movimento Abolicionista e até hoje vivem "por trás dos panos" da História.

É importante, diante do exposto, entender o lugar do negro na sociedade do século XIX em diante. Dessa forma, este artigo visa incentivar a construção de uma memória de movimentos, usos e costumes de personagens desconhecidos do público geral, procurando permitir um novo olhar sobre o processo que culminou no "fim" da escravidão e no século XX no Recife dentro de espaços institucionalizados, como são os museus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. **Memória, História e Coleção**. Anais do Museu Histórico Nacional, 1999.
- ABREU, Regina. **Transbordamentos do Nacional: vestígios de memórias coletivas nos museus fluminenses**. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.). Museus Nacionais e os desafios do contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino e História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BITTENCOURT, J. N. **Gabinetes de Curiosidades e Museus: sobre tradição e rompimento**. In: Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, v. 28, p. 8-19, 1996.
- CAVANI, Júlio; LODY, Raul; MARQUES, Maria Eduarda. ***Tempo Tríbio: Museu do Estado de Pernambuco (1930-2020)***. Recife: Cepe Editora, 2021
- CHAGAS, Mário; HEITOR, Gleyce Kelly [orgs.]. **O pensamento museológico de Gilberto Freyre**. Recife: Editora Massangana, 2017.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). ***Conceitos-chave da Museologia*.** Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.
- GIL, Carmem Zeli. Práticas Educativas no Museu Histórico Nacional da Argentina: exposição de memórias e construção de histórias. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 16, p. 279-303, 2019.
- GOMES, Amanda Barlavento, **A trajetória de Vida do Barão de Beberibe, um traficante de escravo no império do Brasil (1820 – 1855)**, 2016, https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18395
- FRANÇA, Juliana Mesquita Zikan. ***A "atmosfera senhorial" no Museu do Estado de Pernambuco: um ensaio sobre a exposição de longa duração Pernambuco Território e Patrimônio de um Povo*.** 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HALL, Stuart. ***Whose Heritage? Un-setting 'The Heritage', Re-imagining the Post-nation***. In: ASHLEY, Susan; STONE, Degna (Ed.). *Whose Heritage?*. 1ª ed. Routledge, 2023. p. 13-30.
- HEITOR, Gleyce Kelly Maciel. **Museu a seu modo: O museu como dispositivo de validação da teoria social de Gilberto Freyre.** Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio)– Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2013.
- HORTAS, Joana Barroso; HORTAS, Maria João. ***Museus, um lugar possível na educação não formal – a experiência do grupo Faz 15-25.*** In: PEREIRA, T.; ALMEIDA, A.; VIEIRA, N.; LOUREIRO, M. (Org.). *Atas do VII Encontro do CIED – II Encontro Internacional, Estética e Arte em Educação*. Lisboa: CIED – Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, 2016. p. 333-347
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LEITE, Marcelo Henrique. O museu como objeto de pesquisa para o ensino de história: um balanço (1980-2017). **História, histórias**, v. 9, n. 17, 2021.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de**. O objeto material como documento**. 1980
- **Museus como Espaços de Educação Não Formal**. Espaço do Conhecimento UFMG.
- MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO. ***Museu do Estado de Pernambuco: História e Coleções***. Patrocínio Banco Safra. Recife: Museu do Estado de Pernambuco, 2005.
- NASCIMENTO, Abdias do. ***O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado***. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- NORA, Pierre. **Les Lieux de Mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.
- **O Museu do Estado de Pernambuco** - São Paulo: Banco Safra 2003.
- PINHEIRO, Cleiton da Silva; LIMA, Maurício Szaz de; GRACIOLI, Jéferson Muniz Alves; SANTOS, Ricardo André Ferreira de Oliveira. **"Espaços não formais: utilização dos museus no processo de ensino/aprendizagem voltado às Ciências".** Revista Evidência, V. 15, n.2, p. 123-134,2018.
- SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo social**, v. 26, p. 209-229, 2014.

- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- SANTANA, Felipe. *A* ***Coleção de Ex-Votos no Museu do Estado de Pernambuco: Tradição e Devoção***. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2017.
- SILVA, Elizângela Kelly Pedroso da. ***Da presença do corpo à ausência da memória: um estudo sobre o Museu do Estado de Pernambuco - MEPE*****. 2023.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.
- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. ***Dicionário de Conceitos Históricos*****.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. ***A Danação do Objeto: o Museu no Ensino de História*****.** Chapecó: Argos, 2004.
- VIEIRA, Guilherme Lopes. **O museu como lugar de memória: o conceito em uma perspectiva histórica**. Mosaico, 2017.
- ZARBATO, J. A. M. **Museus, história e educação: narrativas de "futuros professores" de História**. Revista Diálogo Educacional, v. 18, n. 57, p. 579-595, 2018. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/23875. Acesso em: 03 fev. 2021.

ANEXO A - NORMAS DA REVISTA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFG (INTER-AÇÃO)

Os artigos deverão ter um mínimo de 25.000 e um máximo de 40.000 caracteres com espaços, incluindo título, resumo, palavras-chave e referências.

Configuração de página: 3 cm superior e esquerda e 2 cm inferior e direita. Todas as folhas do original devem ser numeradas na margem superior direita.

Estrutura do artigo

1. título em português;
2. título em inglês;
3. título em espanhol
4. resumo em português e palavras-chave;
5. abstract e keywords (resumo e palavras-chave em inglês);
6. resumen e palabras clave (resumo e palavras-chave em espanhol)

O título deve conter, no máximo, 12 palavras, em fonte Times New Roman, CAIXA ALTA (todas as letras em maiúsculo), em negrito, tamanho 14 na língua original do artigo, tamanho 12 nas outras línguas.

As palavras-chave devem estar em ordem alfábetica e separadas por ponto. **Exemplo:** Comunicação. Cultura. Extensão. Universidade.

Os subtítulos "Resumo", "Abstract" e "Resumen" devem estar em **negrito,** seguidos de dois pontos (:) e o texto do resumo. O texto do resumo deve ter *no máximo 1000 caracteres com espaços*, alinhamento justificado, fonte tamanho 12, espaçamento simples. Quanto ao conteúdo, deve apresentar o tema geral, o problema situado na comunidade, objetivos, metodologia e principais resultados e conclusões.

O texto do artigo poderá ser redigido em português, inglês ou espanhol. Deverá ser submetido em formato docx. ou doc. (Microsoft Word, Google Docs, OpenOffice), em fonte tipo Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5 (um e meio) entre linhas e parágrafo com recuo de 2 cm na primeira linha.

Sub-títulos devem vir em negrito e CAIXA ALTA (todas as letras em maiúsculo), alinhamento justificado, fonte *Times New Roman* tamanho 12.

Não serão aceitas notas explicativas. Porém, abre-se exceção para casos de extrema necesidade, como, por exemplo, em artigos traduzidos para línguas estrangeiras.

Tabelas, quadros, gráficos e figuras (fotos, desenhos e mapas) devem ter alinhamento centralizado, vir numerados na sequência em que aparecerem e sempre citados no corpo do texto. Exemplo: Tabela 1. Título.; Imagem 1. Título.; Quadro 2. Título

Tabelas e quadros devem ter fonte *Times New Roman,* tamanho 10, encabeçados por seu respectivo título, fonte tamanho 10, alinhamento centralizado. O autor do texto deve informar os créditos referentes ao que utilizou *no corpo do texto*, inserindo a "Fonte", em tamanho 10, alinhamento centralizado. As figuras trarão *Título* acima e *Fonte* abaixo da figura. Para fotografias e imagens será necessário o envio de cessão de direitos autorais e/ou autorização dos indivíduos expostos.

Obs.: quadros possuem apenas textos e tabelas possuem dados numéricos.

Todas as citações e referências deverão ser apresentadas conforme a norma da *ABNT NBR informação e documentação-citações em documentos - ABNT 6023:2018.*

Todos os trabalhos deverão passar por revisão profissional ortográfica e para adaptação às regras da ABNT - o nome e os dados do(a) profissional de revisão devem constar no *documento suplementar*, a ser enviado juntamente com o trabalho no ato da submissão (para baixar o modelo, clique aqui).